

Pobres & Nojentas



Florianópolis (SC), maio de 2006 - Ano 1 - Nº 01

Vida plena no mundo

Luta sindical
adquire sentido
na experiência
de Jussara Godoi

Página 4

Fotos: Ricardo Casarini Muzy



Páginas 10 a 14



100% latino-americano

Imagens de gentes e
olhares no Fórum Social
Mundial na Venezuela

4	Perfil Jussara Godoi descobriu como pertencer ao mundo
7	Mulher O sumo da luta
9	Crônica Rugosidades da alma
10	Luta "Os mortos que mataste gozam de boa saúde"
12	As gentes de Abya Yala
15	Perfil Nascida com o Redentor
19	Poema Mulher
20	Saia Justa Piores momentos de Pobres & Nojentas!
21	A Condutora Harriet convidou o povo a fazer a travessia...
24	América Latina Em paz no terror
26	Tempo Livre Para quem tem pouca grana

Na foto da capa,
Jussara com Júlia Dalri
Eller em ato
contra a reforma da
Previdência, em 2003



Cooperativa da palavra
libertária, criadora, caminheira.
Não quer lucro, nem fama.
Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra calada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

Viajeiros da palavra:

- Elaine Tavares
- Míriam Santini de Abreu
- Ricardo Casarini Muzy
- Raquel Moysés
- Paulo Zembruski
- Rosângela Bion de Assis

Jornalista

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:

eteia@gmx.net

Projeto gráfico e Editoração

Rosângela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)

Revisão

Raquel Moysés

Agradecimentos:

- A *José de Assis Filho e Elenir de Melo Assis*, que organizaram o jantar para viabilizar a impressão da revista;
- À *Frank Maia* que cedeu três ilustrações;
- A *Antônio Carlos da Silva*, que fez as ilustrações da capa e da contracapa;
- A *Anderson Gonçalves*, que fez o acabamento da arte.

Florianópolis - SC

Esta é mais do que uma simples revista. É um movimento, um caminhar. De gênero e de classe. De gênero porque entendemos que existe, sim, uma “mirada” feminina, que é ancestral e poderosa. Nem melhor, nem pior, apenas desigual. E, nessa diferença, precisa se expressar desde seu lugar, a partir da “mulheridade”. De classe, porque o olhar das mulheres pobres, marginalizadas, oprimidas, é duplamente desigual e, mais do que qualquer outro segmento, raramente tem onde se dizer. Pois aqui, nestas páginas, vão falar as mulheres pobres e nojentas. O que não impedirá, é claro, que igualmente os companheiros homens possam ser narrados nas suas dores e lutas. Não seremos nunca um gueto, mas uma amorosa rede (nunca virtual) para o acolhimento de quem batalha por vida digna.

A palavra “nojenta” que vem agregada ao nome, nesse caso, não tem qualquer conotação de sujeira. Seu significado específico, para nós e para todas as mulheres que aqui vão dizer a sua palavra, é “insuportável”. No interior do Rio Grande, onde nas-

ceamos e nos criamos, uma “gurria nojenta” é aquela que não se dobra a nada nem a ninguém. Que entra nos lugares onde não é chamada, que empina o nariz quando todos a censuram, que não aceita ordens, que sabe dizer um “não” sonoro e rotundo àquilo que não lhe cai bem, que questiona velhos valores, que cria o novo, que inventa primaveras em plena noite de temporal, que gera o verão nas madrugadas de frio minuíano, que ama sem medo. Enfim, uma mulher insuportável ao sistema patriarcal, opressor e capitalista e, por isso, imprescindível. Pois assim são as mulheres aqui narradas. No mundo sem ser do mundo, tal qual ensinou Jesus, o nazareno.

Pois nesse mundo globalizado, metido a pós-moderno, no qual as grandes editoras se preocupam em lançar revistas de moda e outros quetais que apenas movimentam a estúpida e predadora máquina do capital, ou então publicações que contam a vida dos famosos ou de inúteis e portentosos desconhecidos, nós aqui vamos falar de pobres e nojentas. De mulheres que, apesar de sua condição, de sua classe, não se rendem a nada. Empinam

seus narizes e, feito deusas, adentram no mundo rompendo todas as cercas. Mulheres que lutam, que trabalham, que se movem na direção do grande meio-dia, o tempo em que as riquezas serão repartidas e a vida de todos será boa e bonita. A “Eko Porã” dos Guaraní. Mulheres que, com seus corpos e mentes, cheias de promessas a realizar, sobem na mais alta montanha da terra e dizem, como Jeremias: ainda se plantarão vinhas nesse lugar. E dali descem, como loucas, dispostas a semear e, principalmente, a colher.

Pobres & Nojentas nasce em nós como uma filha, das tantas que não vieram ao mundo, mas que vivem, em ebulição, dentro de nossos corpos, malucas por sair. É gerada de um sonho. É uma resposta ao pseudo-vazio do espírito do tempo, à religião do capital, ao insosso mercado mundial, ao medo, à desesperança. *Pobres & Nojentas* é um mágico portal, feminino, feminista e humano, demasiado humano! Se você cruzar, se perderá... Insha Allá.

Elaine Tavares
Miriam Santini de Abreu
Editoras

Suave aspereza

Jussara Godoi descobriu
como pertencer ao mundo

PERFIL

Por Elaine Tavares

Não dá para dizer com certeza, mas o jeito explosivo e a cabeça quente podem ser heranças do lugar onde nasceu: Mormaço, distrito de Soledade, no Rio Grande do Sul. Ela ri quando fala nisso. Jussara da Costa Godoi é uma mulher especial. Forjada na vida mesma, é a sétima filha de uma lista de onze. Nascida na roça, desde cedo aprendeu que não é muito fácil estar no mundo, e deve ser por isso que, aparentemente, seja um pouco áspera no trato com as gentes. Mas, basta um convívio de semanas, e se descobre o diamante. Capaz dos gestos mais sublimes, a gaúcha criada no Paraná é um poço de ternura. Trabalhadora da Universidade Federal de Santa Catarina, já esteve na direção do sindicato dos trabalhadores por três gestões seguidas e atualmente está de olho nas contas, no Conselho

Fiscal. Detalhista, está sempre a cuidar e a proteger o patrimônio dos técnicos-administrativos da UFSC.

Aliás, cuidar parece ser o destino desta pequenina de vontade de ferro. Desde a mais tenra infância já se fez mãe. É que os irmãos menores, quatro, sempre ficavam sob as suas vistas quando os pais iam para a roça. Ainda menina, era ela quem ajeitava a casa, fazia a comida e botava ordem na pequena morada. Não era à toa que o feijão quase sempre queimava. “Além disso, eu também gostava de brincar. Esquecia a comida”, diz, entre risos. Antenor, o pai, era ele próprio um brigador. Tinha 13 anos quando saiu de casa em busca de seu destino. Aos 18 botou os olhos em Ana, já mulher de 22, e não conseguiu mais viver sem ela. Casou e, depois disso, foi um filho atrás do outro, até completar onze.

A terra de Antenor não era coisa grande e a vida apertava. Jussara queria estudar e por isso enfrentava 16 quilômetros de caminhada, ida e volta, todos os dias, até a es-



colinha. Mas seus olhinhos escuros e curiosos queriam mais e mais. Assim, quando completou nove anos, acabou indo morar com uma tia, parente da mãe, que vivia em Medianeira, no Paraná. Foi nessa casa que ficou até os 12 anos. Ajudava nos afazeres domésticos, mas, de quebra, tinha uma boa escola e ainda curtia o clube, do qual os tios eram sócios. Era uma vida boa.

Anos depois o pai decidiu mudar de vida. Largou a terra e foi para Francisco Beltrão montar uma churrasceria com um cunhado. Mau negócio. A coisa não vingou e ele perdeu tudo. Por aqueles dias Jussara já estava de volta em casa, querendo algo mais do que cozinha e escola. O mundo pulsava a sua volta e ela queria estar no turbilhão. Foi quando descobriu os grupos de jovens da igreja. Lá, havia movimento, discussões, coisas para fazer. Só que, em casa, a vida apertava. Muita gente e pouco dinheiro. O pai fazia o que dava, trabalhou puxando madeira e como motorista de ônibus. Era orgulhoso, não queria que as filhas trabalhassem como domésticas, sonhava com coisa melhor para elas. “Até o fim da vida ele odiou andar de ônibus. Talvez por ter trabalhado tanto tempo nisso, toda vez que saía de casa, ia de táxi. Era um nojentão também”.

Foi aí que Jussara decidiu voltar para Medianeira, tra-

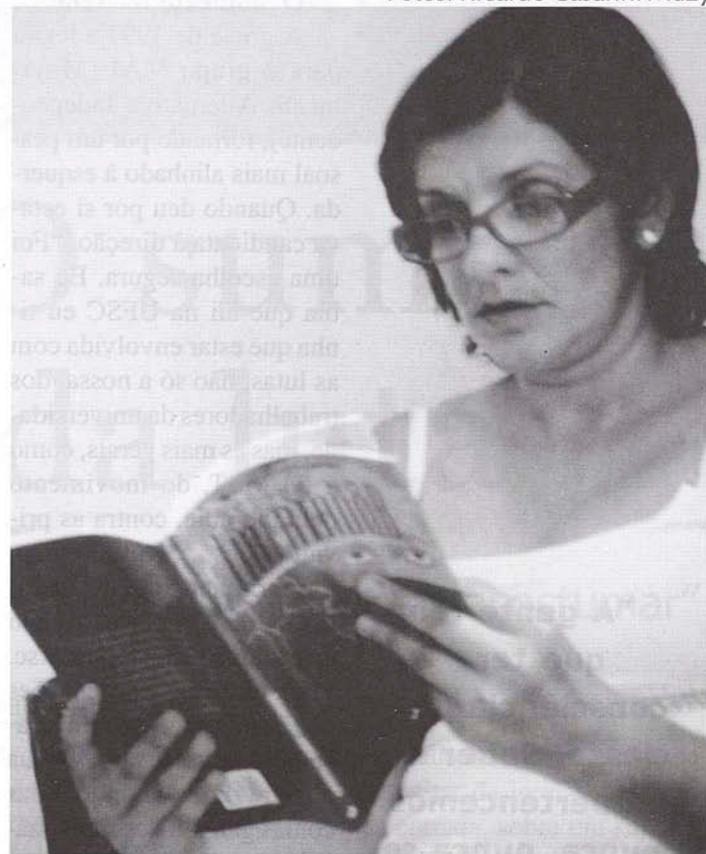
balhar com a tia numa casa lotérica. Ganhava um dinheiro e fazia o magistério. Quando completou 20 anos viu que ser professora não era sua praia, então voltou para Francisco Beltrão. De tanto fuçar acabou encontrando um emprego no hospital da cidade. Foi parar logo no laboratório, sem qualquer prática. Mas, determinada, aprendeu tudo sozinha. Lia um livro, e outro, e outro, se fazendo a facção. Queria mesmo era fazer o curso técnico de laboratorista, mas qual, como pagá-lo? Seu destino era a escola pública, gratuita, e aí só o curso de auxiliar de escritório. Tudo bem. Foi o que fez. Tinha ganas de saber sempre mais.

Por causa do Francisco

Naqueles dias apareceu no hospital um garoto, estagiário do curso de Farmácia. Vinha de Santa Maria, com idéias novas e questionamentos que ela nunca se fizera. Como vivia com aquele salário? Aquilo era exploração. Dizia que ela deveria ir para Santa Maria fazer faculdade, crescer na vida. Jussara se animou. Não foi para a faculdade, mas fez concurso para a prefeitura e passou. Funcionária pública, a vida melhorou. Chegou até a comprar um carro, um Chevette amarelo, usado, é claro. Mas, era sua conquista e circulava pela cidade como se ele fosse um troféu.

Francisco, formado, voltou para Francisco Beltrão e mais uma vez mudou o rumo da vida de Jussara. Seu primeiro presente depois da volta foi um livro do frei Betto, *Fidèle e a Religião*. A garota da roça, de Mormaço, descobria a política e se apaixonava por Cuba, sua gente, sua luta. O segundo livro foi a gota d'água: *Meu filho Che*, escrito pelo pai de Ernesto Guevara, El Che. Era tudo que ela precisava para se decidir de vez a entrar no PT, que então, em 1988, se organizava na cidade para enfrentar a primeira eleição presidencial. “Aquele foi um tempo em que o PT fazia trabalho de formação mesmo. A gente tinha que ler textos, livros inteiros, e depois discutir. Lembro que estudamos o *Batismo de Sangue*, do Frei Betto, o *Brasil Nunca Mais*. Eu até peguei gosto pelos estudos. Lia tudo que me caía na mão”.

Depois da militância e da derrota nas urnas, a vida de Jussara nunca mais foi a mesma. Sentia que precisava ampliar os horizontes, sair da cidadezinha do interior, estudar mais, encontrar novas trincheiras de luta. Havia um certo clima com Francisco, mas percebeu que não sairia disso. São amigos até hoje. Assim, sem vínculos amorosos, ela decidiu ir embora. Foi quando soube do concurso para a UFSC, em Santa Catarina. Nem pestanejou. Fez as malas e veio para Flórida-



nópolis. Fez as provas e passou. O salário até era menor, mas havia um mundo para desbravar. Estar na universidade era tudo o que queria. Chegou até a tentar o vestibular para Farmácia, mas entender a vida e a política falou mais alto. Fez Ciências Sociais. “O tempo da faculdade foi duro. Eu ganhava pouco, morava longe. Mas valeu”.

O sindicato não estava no horizonte de Jussara. Ela nem sabia bem o que queria fazer no mundo da política. Ia às assembleias, mas como não conhecia ninguém e trabalhava no Centro de Ciên-

cias Agrárias, longe do centro dos fatos, ficava um pouco isolada. Tudo isso mudou quando uma cena em especial a despertou. Estava numa dessas aulas chatas, meio sonolenta, quando um homem entrou porta adentro com um megafone, chamando os alunos para a greve. Era o ano de 1997 e o homem era o professor Nildo Ouriques que, mais tarde, seria candidato a reitor por duas vezes. “Lembro que a conversa dele foi tão vibrante que eu pensei: tenho que ir para a greve e mais, tenho que me envolver mesmo. Penso que tudo começou aí. A culpa é dele”.

**"A gente tem
que ter
consciência de
classe. Saber a
que pertencemos
e nunca, nunca se
esquecer disso".**

Jussara Godoi

O sindicato na veia

A greve de 1997 a levou para o grupo MAI (Movimento Alternativa Independente), formado por um pessoal mais alinhado à esquerda. Quando deu por si estava candidata à direção. "Foi uma escolha segura. Eu sabia que ali na UFSC eu tinha que estar envolvida com as lutas, não só a nossa, dos trabalhadores da universidade, mas as mais gerais, como a do MST, do movimento pela moradia, contra as privatizações..." Desde então, a figura marcante de Jussara Godoi se impõe no prédio de tijolos à vista do Sintufsc. Já assumiu as coordenações de Finanças, de Administração e Comunicação. Por sua postura rígida e controle das contas ganhou dos funcionários o apelido de "Margareth Thatcher", ou então "filhote de abelha", numa alusão a Helena Dalri, ex-presidente do sindicato e líder de primeira grandeza - chamada carinhosamente de abelha - em quem Jussara sempre se espelhou. "Claro que chamá-la de Thatcher é só uma brincadeira, mas que ela sempre foi linha dura, isso foi", diz, entre risos, sua companheira Raquel Moysés.

Linha dura ou não, o fato é que na administração ela sempre deu um show. Cuidava dos trabalhadores, organizava os trabalhos, era pau para toda a obra. Empertigada, sempre foi uma

"nojenta". Para ela, as coisas têm de andar certinho e o mais importante é o trabalho conjunto. "As pessoas têm de aprender a fazer sua parte, ter iniciativa. Eu nunca suporrei obedecer ordens mas também nunca fui relapsa. Sempre tive muita responsabilidade com meu trabalho". Quem a conhece sabe porque diz isso. Como funcionária pública, a baixinha não suporta ninguém que faça corpo-mole. "O serviço público é muito importante para a população. Nós, aqui, temos de dar o exemplo. Fazer nosso trabalho e saber que tudo isso é público, é do povo. Não posso suportar gente espertinha".

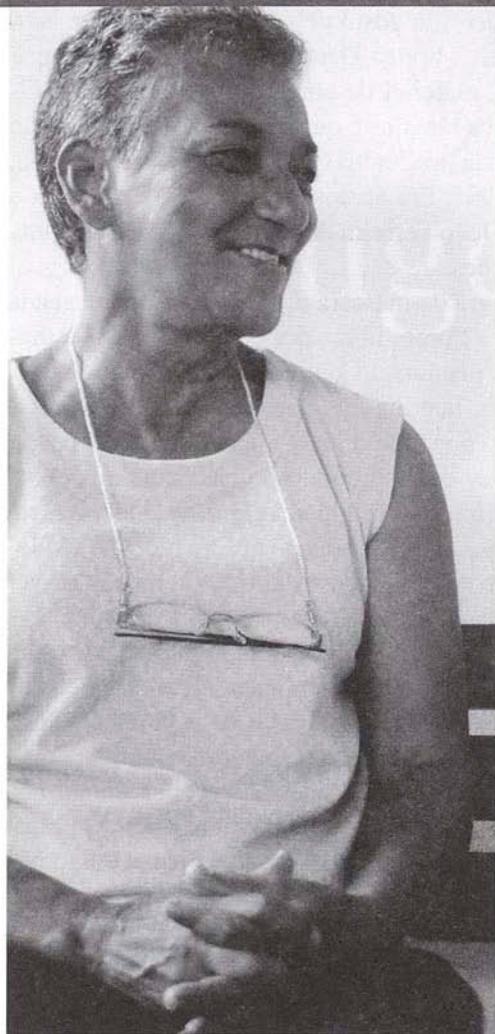
Nojenta com estilo

O destino de Jussara estava traçado. Deveria ter sido uma funcionária municipal no interior do Paraná, cumprindo suas tarefas no laboratório. Mas, ela não aceitou isso fácil. Vislumbrou uma porta aberta e voou. Seu nariz empinado nunca suportou subalternidade. Apesar de sempre ter sido empregada, faz valer seus direitos e trata como iguais chefes e superiores. Não tem grandes planos para a vida. Só ser feliz. Para isso arriscou tudo o que não tinha na compra de um apartamento "a perder de vista" pela Caixa Econômica Federal. Esse sempre fora seu sonho. Ter onde repousar a ca-

beça e uma parede onde pregar todos os pregos sem que a imobiliária enchesse o saco.

Jussara tem hábitos simples. A comida favorita é o macarrão, o qual faz a partir de centenas de receitas. O que mais gosta é andar no centro da cidade "vendo as tendências". Mas só vê mesmo. O máximo que se permite é um café, com pão e manteiga, na padaria Brasília. Adora filmes e é comum vê-la saindo da locadora com seis, sete vídeos para o fim de semana. Sua paixão atual é o *Arquivo X* - seriado que trata de extraterrestres e casos estranhos - que descobriu por causa de duas amigas muito loucas. Tem um namorado a quem ama e para ficar tudo perfeito só falta vir o socialismo. Para isso luta. Cética diante do sagrado, não acredita que exista outra vida depois desta. "Talvez fosse bom ter, né? Para valer a pena, sei lá!" Seu pecado são as echarpes e lenços coloridos, os tem aos montes. Mora no Abraão, caminha por todo Coqueiros e não gosta de praia. Filhos, não tem. "É um mundo muito cheio de sofrimento". Mas, como é uma nojenta de primeira cepa não desiste de buscar a "eko porã", a vida boa e bonita para todos. "A gente tem que ter consciência de classe. Saber a que pertencemos e nunca, nunca se esquecer disso".

Pobres & Nojentas - Maio de 2006



Fotos: Ricardo Casarini Muzy

O sumo da luta

Lições de quem não quer “se acostumar”

Por Míriam de Abreu

A imagem de Nossa Senhora de Mont Serrat, padroeira da comunidade de mesmo nome, em Florianópolis, fica ao lado do altar da igreja branca de vitrais nas janelas. Na parede do lado apostado da entrada, sobre um suporte de vidro, está um busto em gesso da escrava Anastácia. Conta-se que Anastácia, negra filha de escravos, foi abusada pelo homem que se dizia seu dono. De tão bela, também despertou o ódio da senhora da casa, o que lhe custou um sofrimento terrível. Até o final da vida, foi obrigada a usar uma máscara de ferro, tirada apenas para ela se alimentar.

Anastácia não é santa nem beata, mas seus devotos lhe atribuem milagres. “Depois que a gente introduziu Anastácia aqui, a nossa comunidade cresceu”, testemunha Darcy Vitória de Brito. Foi por conhecer Darcy que duas devotas do Rio de Janeiro enviaram a imagem para Florianópolis. Em 20 de novembro de 1994, dia da Consciência Negra, Anastácia tomou seu lugar na igreja, ao lado de outras imagens e símbolos católicos. E não foi somente a imagem da escrava que Darcy trouxe para a comunidade.

Nascida em 1938, na rua General Vieira da Rosa, ela cresceu num Mont Serrat tranquilo e onde não se viam nem carroça nem carro. Os caminhos eram precários. Para subir e descer com as coisas do cotidiano, só “com carrinho de mão, cavalo ou no muque mesmo”, recorda. Desde os nove anos ela, uma de cinco filhos, lavava, passava e engomava roupa de gente rica para ajudar a mãe, também lavadeira, e o pai, pintor de paredes.

Darcy gostava de aprender e, logo que terminou o equivalente à oitava série, começou a alfabetizar adultos e crianças. Prosseguiu os estudos no Instituto Estadual de Educação, na Mauro Ramos, e foi completá-los no Colégio

Nilopolitano, no Rio de Janeiro, onde passou a morar depois de casada. “Vi crescer a Beija-Flor de Nilópolis”, conta, com um sorriso largo. Em 1996, voltou a Florianópolis, fez concurso público e começou a lecionar. “Nunca tive férias, porque nas férias também alfabetizava”.

No tempo livre, ela também se envolvia na solução de problemas que atingiam toda a comunidade. Foi assim com o calçamento das ruas, a construção das valas, a criação do Conselho Comunitário – o primeiro do estado, em 1978 – o jardim da infância, posto de saúde, instalação de água e luz, saneamento básico, transporte coletivo... Muitas dessas obras e melhorias hoje precisam de manutenção e mais cuidado por parte do poder público. As valas, por exemplo, ainda não foram cobertas, mas o que está lá é resultado de organização popular e “pixurum”, o popular mutirão. Darcy e outras lideranças da comunidade ressaltam o papel do padre Agostinho Ställin nesse processo. Nos anos 1960, em plena efervescência dos Movimentos Eclesiais de Base e da idéia de uma igreja voltada para o povo, ele terminava as missas chamando para as reuniões de moradores.

Pedinchona

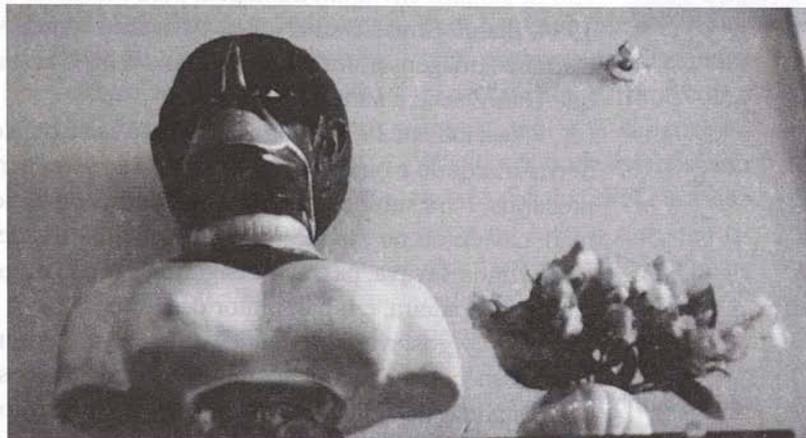
Depois de se aposentar, Darcy fez um curso de teologia popular. Queria saber mais da religiosidade, do ecumenismo, que é a convivência entre as várias crenças. No curso estreitou a relação com a igreja. Nessa época ela começou a perceber de forma mais aguda que havia muita criança na rua, sem ter nada para fazer. “A droga até então era muito embutida aqui no morro, e aí começou a aparecer a cocaína, as meninas se prostituindo e os meninos servindo de olheiros”.

A idéia inicial foi pedir uma sala atrás da igreja, onde já funcionava o grupo Pinheiro, para juntar a gurizada, ensinar,

trabalhar a coordenação motora e o cuidado com o corpo. Foi assim até 1997. Só que o dinheiro era pouco, tirado até do próprio bolso, o que não evitava que o lanche da gurizada tivesse mais água do que leite. A comunidade tinha que encontrar uma solução. “Eu gosto de pedinchar muitas coisas, sou jeitosa para isso”, brinca Darcy. E foi pedinchando que apareceu dinheiro, material de construção, voluntários. Os pequenos bingos aos sábados é que permitiram a finalização da obra, concretizada no Centro Cultural Escrava Anastácia, inaugurado em 1998. “Era gostoso, né, Darcy!”, exclama o amigo de infância João Ferreira de Souza, o Teco, que ajuda a tecer as recordações.

A escrava negra da máscara de ferro foi homenageada no nome do centro. “Fomos libertados em maio de 1888, mas sem direito a coisa nenhuma. Continuamos escravos de uma sociedade hipócrita, que diz que não tem preconceito, mas mostra preconceito por todo o lado”, lamenta Darcy, negra, miúda, com uma voz de timbre sedoso, mas firme. Ela conta que as duas filhas fizeram faculdade e o filho é técnico em enfermagem. “Falo isso porque dizem que no morro é só violência, mas sempre criei os meus filhos na dignidade do ser humano”.

Como é nascida no morro, ela tem um olhar agudo para medir o que se passa ao longo da rua General Rosinha. Percebe as rivalidades que vão ser formando, visita as famílias, o que aguça a crítica. “Queremos uma polícia comunitária, que venha aqui, converse, tente compreender. Uma polícia amiga, não apenas repressiva, e que mostre respeito e amizade... As pessoas já começam a se acostumar com morte violenta, e isso não pode, a morte não pode ser assim. Para cada um que morre, eu fico desesperada”. Por isso é que, para Darcy, o sumo da luta comunitária é saber que se está fazendo algo por alguém.





Rugosidades da alma

Por Míriam de Abreu

Cada cidade tem a sua rugosidade. Peço essa palavra emprestada da geografia, ou melhor, do geógrafo brasileiro Milton Santos. É um conceito absolutamente poético quando a rugosidade nos faz parar na rua e tremer o olhar.

Rugosidade, explica ele em um dos seus livros, é o que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem. É o que resta do processo de eliminar, acumular, sobrepor, “com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares”. Em Florianópolis, rugosidades são aqueles casarões do centro, patrimônio histórico agora rodeado por prédios chiques com suas peles de vidro. Em São Leopoldo, onde morei, é uma pequena

igreja que, para não ser demolida, ficou encravada nas paredes de um shopping center. Notar essas coisas é como descascar a história e encontrar diferentes cores de tinta.

Penso, com um certo encanto, que as rugosidades podem ser também de outro tipo, acumular outras coisas. Coisas que ligam o tempo de agora ao do passado através do fazer das gentes. É assim com as benzeduras. No século 21, com tantas conquistas na medicina, há remédio e operação para quase tudo. Conseguir comprar a panacéia e se curar é outra coisa. Mas mesmo hoje há homens e mulheres que curam doenças com benzeduras de tudo quanto é tipo.

Em Caxias do Sul, a cidade onde nasci, uma das

mais conhecidas era a velha Fedrizzi, onde minha mãe nos levava quando não conseguimos dormir. Era uma insônia estranha, amedrontadora. No meio da noite, eu e meu irmão mais novo acordávamos e, com o pouco de luz que vinha da janela, víamos os objetos longe e perto, em rápida sucessão. Eu berrava e a mãe já sabia o motivo: eu estava “enxergando longe”. No dia seguinte, dá-lhe benzedura. Há pouco tempo, minha mãe é que andava com dor nas costas e foi procurar a Iró, outra benzedura que mora perto de casa. Ela usa uma vela, que passa ao longo da curvatura da coluna enquanto faz orações e fala baixinho algumas palavras.

Lá na serra gaúcha também vive O Velho, cujo

nome completo desconheço porque sempre o chamam assim. Mas é José. Se alguém torceu o pé no futebol, deu mau jeito nas costas ou no pescoço, profere a sentença: “Vou no Velho”. Ele mora em Caxias, nasceu em Vacaria e aprendeu a arte da cura com o pai. O Velho não é de muita conversa, mas a casa simples onde mora sempre tem gente precisando colocar alguma coisa no lugar. Se alguém faz muito fiasco, O Velho não perdoa: “Não pode estar doendo tanto”. Na saída, quem tem dinheiro dá o que pode. Dirão alguns que é melhor procurar o posto de saúde ou chamar o Help. Talvez. Eles podem dar um jeito no corpo, mas as rugosidades também fazem bem para a alma.

“Os mortos que mataste gozam de boa saúde”

Movimentos sociais na investida contra o império

Por Elaine Tavares



Fotos: Ricardo Casarini Muzy

O Fórum Social Mundial deste ano teve um caráter marcadamente político. Ao contrário das outras edições – em que a presença maior foi das Organizações Não-Governamentais (ONGs), com um discurso mais de arrumação do capital – este teve maioria de movimentos sociais. O tom foi de crítica ao imperialismo e de apoio aos projetos de Hugo Chávez, na Venezuela, e de Evo Morales, na Bolívia. A presença dos povos originários também foi muito maior e podia-se sentir que a América Latina está caminhando sob outra perspectiva, de recuperação da própria história e de luta renhida contra o sistema capitalista. Em todos os eventos do Fórum ficou patente a discussão da necessidade de uma ação unitária contra a política do governo dos

EUA de ocupação e militarização do mundo. A presença de um grande grupo de estadunidenses deixando clara sua posição de luta diante do império emocionou os venezuelanos e todas as gentes que participaram do encontro.

Por conta de toda essa efervescência anti-imperialista, também a Assembleia dos Movimentos Sociais teve um diferencial: pela primeira vez convidou um chefe de estado para estar presente e falar. A honra coube ao presidente da Venezuela, Hugo Chávez, que foi a figura mais esperada e não deixou por menos. Conclamou os movimentos a estarem firmes na luta anti-imperialista porque, segundo ele, pela primeira vez na história, as gentes do chamado terceiro mundo estão na ofensiva. “Nós temos agora que desenhar a fórmula da uni-

LUTA

dade. Por isso invoco aos movimentos a um plano de ação universal para impulsionar as lutas. Nós temos a obrigação de jamais tornar esse Fórum um espaço folclórico. Ele tem de ser motor das lutas”.

Com seu jeito de quem conversa na sala de estar, Chàvez cantou, disse poemas, citou escritores famosos e falou de como está organizando a resistência do ponto de vista governamental, que é o que lhe cabe. Falou do grupo Chakal, formado por ele, Chàvez, Kirchner e Lula, para construir o maior gasoduto da América Latina, que vai passar por todo o continente. “Nós temos a maior reserva de petróleo do mundo e Bush a quer. Só que nós nunca mais vamos ser colônia e não vamos dar nossas riquezas a ele. Vamos repartir com os irmãos da América Latina”.

O presidente venezuelano afirmou que vai fazer o possível para que todos os seus outros companheiros de governo nesta parte do continente entendam que é preciso criar uma Frente Anti-Imperialista, aliada, caminhando no mesmo rumo, respeitando as especificidades. “Por exemplo, dizem que Chàvez e Fidel são loucos e que Lula, Tabaré e Kirchner são estadis-

tas. Ora, chamem como chamem, não importa. O que importa é que nós, juntos, provoquemos a maior derrota possível a essa direita que quer governar o mundo. Acredito que vai chegar o dia em que nenhum governo da América Latina vai aceitar mais a exclusão de Cuba e assim vamos defender nossa dignidade. Nossa união já derrotou a Alca. Ela está enterrada em Mar del Plata. Vamos vencer”. O estádio veio abaixo!

Chàvez lembrou ainda que os movimentos sociais dentro dos Estados Unidos também estão iniciando um caminho de ascensão. “Cindy (a mãe de um soldado estadunidense que morreu no Iraque) começou uma luta sozinha, acampada em frente ao rancho de Bush, e isso tende a se espalhar feito um rastro de pólvora. Ao mundo temos que salvar e, para isso, temos que contar com a ressurreição do povo dos Estados Unidos. Isso vai acontecer”.

Ovacionado pela multidão que lotou o ginásio, o presidente ainda advertiu ao governo estadunidense que não vai mais admitir espionagem dentro de seu país e que a próxima vez que encontrar alguém querendo saber da força de seu exército, vai colocar na cadeia.

“Por mais poder que este país tenha, não vai poder conosco. O governo Bush, que tanto diz prezar os direitos humanos, devia era acabar com as torturas na base de Guantânamo e parar de proteger terroristas como Posada Carriles, antes de querer vir se meter na vida dos países soberanos”. Otimista e energético, ele deixou no ar uma frase do poeta Raul Martinez: “Os mortos que matastes gozam de boa saúde”. Eles se levantarão com as gentes e vencerão.

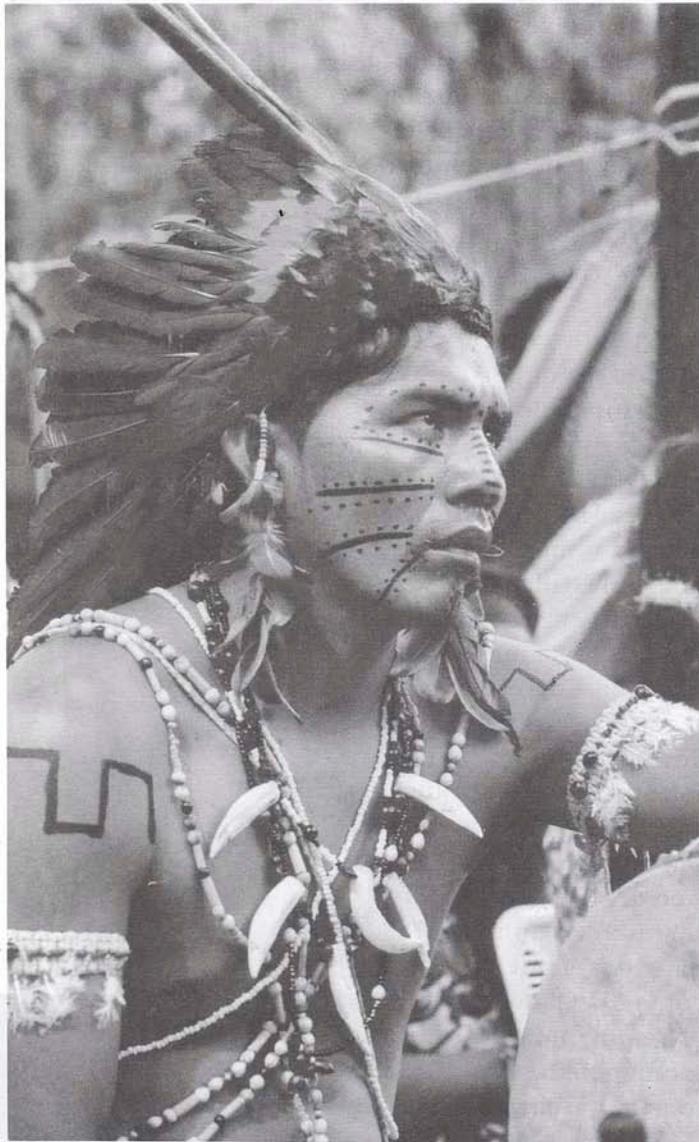
Para os movimentos sociais reunidos na assembléia ficou claro que a luta contra a investida do império deve ser prioridade para este ano. Exigir que as tropas estadunidenses saiam do Iraque, que se destrua o muro que cerca a Palestina, que cesse a intervenção nos países do oriente e da América Latina, que se dê fim à ocupação na Colômbia, que se respeite os direitos humanos, que se derrube o muro que separa o México dos EUA e que a libertação venha pelas mãos das gentes unidas. Como diz Chàvez, é hora de impor uma derrota a quem pensa que pode dominar o mundo.



“Nossa união já derrotou a Alca. Ela está enterrada em Mar del Plata.”

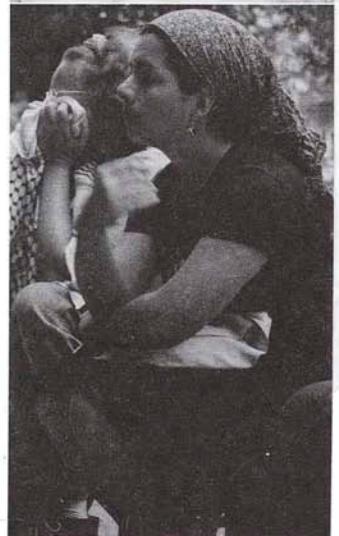
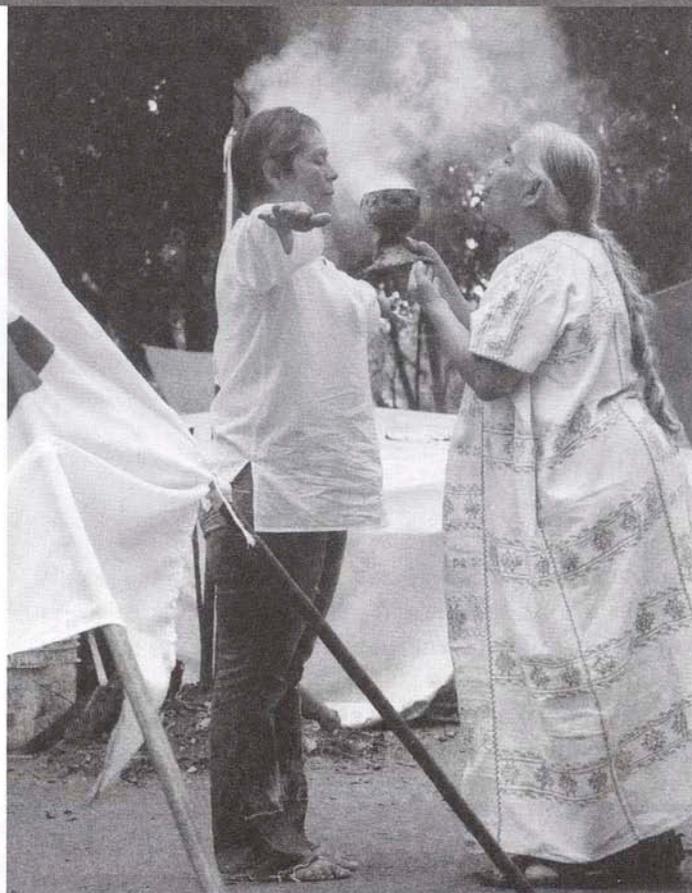
Hugo Chàvez

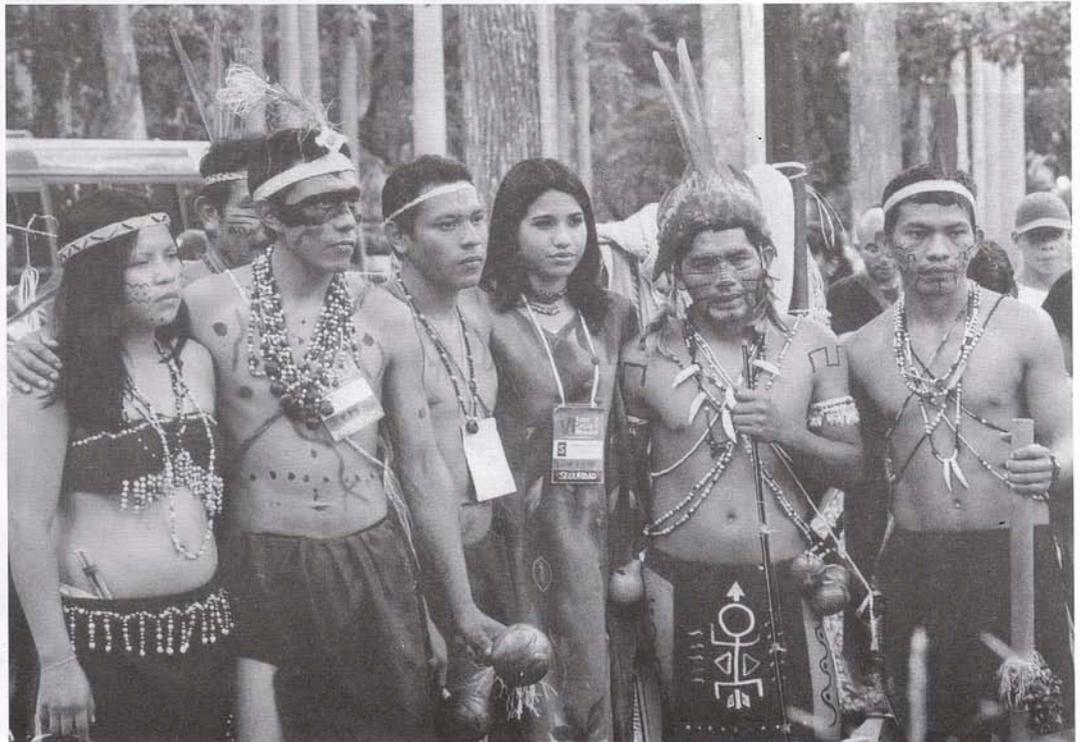
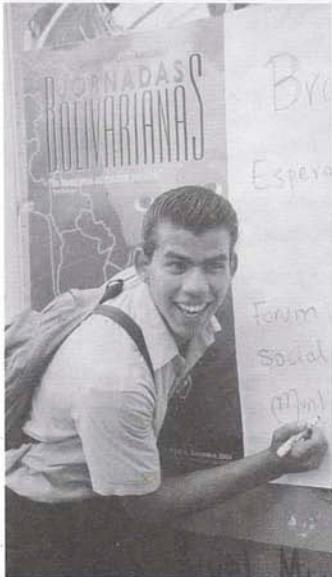
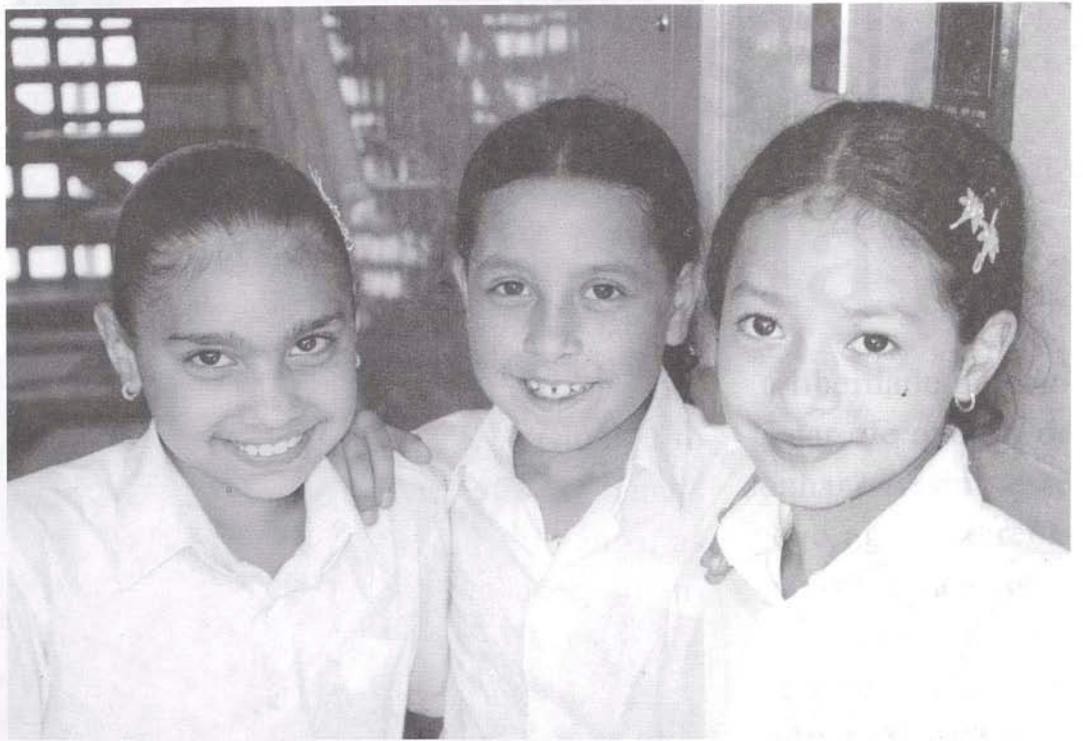
As gentes de Abya Yala



Então, devagar, desvelando aquilo que já pulsa há mais de 500 anos, as gentes desse imenso continente chamado latino se levantam e mostram que a aparente apatia era pura resistência. Por muito tempo, homens e mulheres de Abya Yala, a terra do esplendor, foram mantidos no silêncio, na submissão, na opressão. Mas quem diz que alguém pode prender

a liberdade de pensar, de querer, de sonhar? Assim, esse povo agora se reorganiza, luta e constrói novas formas de viver a vida. Um jeito autóctone, originário, que promete varrer os quatro cantos destas terras do sul. Nas próximas páginas, nas fotos do fotógrafo Ricardo Casarini Muzy, essas gentes se mostram. Belas, livres e prontas a inventar o novo!
Assim será!





Nascida com o Redentor

Uma mulher na vida da comunidade

Por Raquel Moysés



Fotos: Silvana Meurer

No dia em que Ida nasceu a mãe lhe disse, na intimidade do primeiro abraço, visguento, banhado de suor e sangue, vestígios de um parto apenas consumado: “*Tu vai ser uma guerreira!*”

A premonição materna teria tudo para se cumprir. A menininha viera ao mundo na solidão de um pedacinho de chão rural, assolado pelo sol de dezembro, nos arredores de Joaçaba, no mesmo dia em que veio à Terra o Redentor. Só ela, a mãe e o Criador.

Ao sentir que entrava em trabalho de parto, Olívia ferveu água, chamoscou a tesoura, pegou panos limpos e deu um jeito de afastar os três filhos pequenos, dizendo que fossem à casa da vizinha mais próxima, a uma hora da casa andando a pé. Encantou-os dizendo que era para ir lá brincar, comer bolacha de natal e falar para a amiga que a cegonha estava chegando. Quando a mulher chegou, à uma da tarde, a pequenina já estava embrulhadinha, nos braços da mãe.

Desde aquele dia passaram-se 42 anos e, a cada natal, Ida renasce. Um deles, em especial, dois anos atrás, foi mesmo como uma ressurreição, pois ela pôde celebrar, com a numerosa família, a recuperação de uma doença que lhe atacou sem piedade os pulmões. A vida tem reservado batalhas sem fim para essa mulher de aspecto altivo, que guarda no porte e nos traços a beleza de uma princesa africana. Quando ouviu isso de uma amiga que se tornou uma irmã na vivência da dor compartilhada, responde com um sorriso tímido. Ela não conhece políticas de afirmação da negritude nem essa coisa de cotas para afro-descendentes na universidade, mas tem re-



verência pelos seus antepassados: *“Gosto de minha cor, gosto de ser como sou”*.

As histórias de família vão se cruzando enquanto rememora a própria vida. Recorda a avó materna, Carolina, de quem não tem boas lembranças, pois tinha se tornado uma mulher amarga e dura depois que assassinaram com um tiro seu grande amor, o italiano Francisco, com quem se casara em meio a forte resistência dos familiares. Pego em uma tocaia, ele morreu aos 24 anos, deixando uma viúva de 23, que criou sozinha cinco filhos. Mas, apesar de ter sofrido rejeição da família do marido por causa de sua cor, a avó nunca aceitou o marido que a filha Olívia escolhera, também por amor. E, após o casamento, encontrou motivos para aumentar o ressentimento contra o genro Maurílio, que teve a vida devastada pelo álcool, virando um andarilho que sumia meses e meses de casa. *“Foi por isso que minha mãe viveu meu parto sozinha, no dia de natal, mas ela amava muito meu pai, e sempre o aceitava quando voltava, todo maltrapilho. Depois que ela engravidava de novo, ele dava no pé.”*

Ida nunca entendeu por que isso acontecia, se o pai sumia porque não tinha coragem de enfrentar a vida, ou se não suportava ver a mulher e os filhos sofrerem a pobreza. *“A gente nunca entendeu o pai. Quando estava em casa bebia, mas não andava com mulherada nem nunca maltratava a gente, ele era contra bater em criança. Mas nossa história de infância é muito triste... o que era bom era ter a mãe, sempre amiga, companheira, dando força para a gente ter um bom caráter. Ela me ensinou que a verdade está acima de tudo, por mais doída que seja. Somos irmãos muito unidos, e isso é uma herança dela. Éramos sete filhos, cinco homens e duas mulheres... Agora somos cinco, já morreram dois... A mãe era a minha melhor amiga e é por causa dela que temos músicos e cantores entre os irmãos e meus filhos. Eles tocam e cantam nos cultos e festivais da igreja.”*

O trabalho duro deixa marcas no corpo de Ida, mas ela cultiva o gosto pela beleza. Trabalha como faxineira em um condomínio do continente há 13 anos, e nunca ninguém a viu chegar ou sair desarrumada do prédio. Põe a roupa da lida na hora de limpar tudo e, quando vai embora, se apronta bem, com as roupas que reserva para a hora de sair de casa. A coluna sofre o peso da labuta desde a meninice, mas ela mantém o porte ereto, os cabelos bem ajeitados, as unhas lixadas. Os lábios pintados iluminam o rosto marrom, de linhas gene-

rosas, que mesclam traços da origem africana e italiana.

Nunca perdeu a vaidade da menina que trabalhava na lida da roça e ajudava a mãe lavadeira a deixar impecáveis as roupas dos ricos, que lavavam nas águas do rio do Peixe, nas bandas de Herval D'Oeste. Foi lá que começou a trabalhar fora, com nove anos, cuidando de crianças e da casa dos outros. Mudaram-se para Florianópolis porque veio uma tia, e ela dizia que a cidade era muito boa. Moraram os primeiros três anos no Bairro de Fátima, nos fundos do quintal da sogra dessa tia. *“Era uma casinha de duas peças. A mãe mesma fez, com as mãos dela, com tocos de tábuas, e ficou bem feitinha. Mas quando chegamos aqui, a mãe ficou muito doente, com bronquite asmática, e os guris faziam de tudo para pôr comida na mesa: vendiam picolé, lavavam calçada, enceravam casa, capinavam terreno e como paga ganhavam café, açúcar, alimentos... Os dois mais velhos que saíam para trabalhar com o pai, nos tempos que ficava em casa, acostumaram a beber com ele, e disso morreram, um de cirrose, com 24 anos, e outro de hepatite, com 43 de idade.”*

Tudo que Ida ganhava da lida em casas de família da capital, a mãe guardava para dar de entrada e comprar um terreno da Cohab, em Biguaçu, onde foram viver e do qual os filhos de Olívia saíram todos casados. As prestações era Ida que pagava. *“No início a mãe montou uma barraquinha de lona preta que quando chovia com vento forte a gente tinha que ficar segurando para não cair. O chão era de terra batida, mas tudo limpinho, e ela fez os cômodos separados, com madeirinha de resto de construção. Em volta era bonito demais, tudo com folhagem plantada.. e a mãe tocava violão para nós.”*

Quando era solteira, Olívia tocava baile, mas depois que veio para a capital se batizou nas águas e se tornou evangélica. Três dos filhos e uma das duas filhas, Letícia, a seguiram, mas Ida continuou católica. *“Duas das minhas meninas, Vânia e Vanessa, seguiram a avó na fé, porque era ela que cuidava delas para eu trabalhar e levava as meninas para os cultos.”*

Costurando de novo os retalhos de memória que vão se juntando, Ida lembra que ficaram um ano morando na barraca de lona preta até comprarem a madeira para construir uma casinha. O dinheiro para isso ela ia conseguindo das faxinas que fazia na praia nos finais de semana.

Ida pensa que a felicidade que hoje existe na família é herança dessa mãe que partiu cedo, com 49 anos, acometida

por um derrame. Os últimos anos ela tivera de novo o marido em casa, pois Maurílio também se convertera à fé da mulher. Ele ficou quatro anos sem beber, arranjou um emprego de vigia na prefeitura de Biguaçu e só voltou a se consolar no álcool depois que Olívia morreu. Disse que sem ela não queria mais ficar neste mundo, voltou a viver sua sina de viandante e acabou atropelado na BR-101, perto de Tijucas.

Do pai, Ida tem uma boa recordação. *“Ele gostava de se meter em política e eu acho que é desse sangue dele que eu herdei esse gosto que tenho de me enrolar nas coisas da vida da comunidade.”*

Ida é uma líder informal, dessas que nunca “virou cargo” em associação de moradores. Tudo que lhe dão nas casas em que faz faxina, ela reparte em família e com a gente do Pedregal. Roupas, agasalho, coberta, sapato, material escolar, pedaços de carpete, móveis velhos. Lá na comunidade há sempre alguém para quem serve alguma coisa, e ela não se importa de forçar a coluna carregando no ônibus sacolas cheias de coisas ganhadas. Quando é coisa grande demais, dá um jeito de conseguir carona para levar ou de fazer uma vaquinha para pagar um frete ou a gasolina de algum conhecido que tem carro. *“Eu nunca vendo nem troco nada do que ganho, sempre dou aquilo que posso doar...”*

Com a política de partido ela anda desiludida. Ganhou muito voto para o PT, mas não viu acontecer aquilo que era prometido nas campanhas. Meio tímida, confessa que hoje talvez votasse de novo para o Lula. *“Ainda não consegui deixar de gostar dele e não acredito que seja culpado de tudo. Acho que é uma vítima no meio dos grandes.”*

Essa mulher que nasceu no mesmo dia em que Jesus veio ao mundo, sempre dividiu o pouco que tem e, além de ter sido um arrimo para os irmãos, soube sustentar a família que formou com o marido, mesmo nos momentos de maior crise. Ida se uniu a Valdir quando tinha 16 anos, e com 17 já era mãe de Vânia. Ela se apaixonou por ele através de um retrato. *“Um dia fui fazer limpeza na casa de uma irmã dele. Por acaso achei uma foto e perguntei quem era aquele moço... Gostei dele desde que vi a fotografia e guardei comigo. Seis meses depois, um sábado de manhã, chegou um rapaz, de Imaruim de Laguna, procurando pela irmã e eu senti que já o conhecia, corri olhar a foto e vi que era aquele moreno bonito. Ele tinha vindo para a cidade ser cobrador de ônibus.”*

Valdir logo se tornou amigo dos irmãos e daí para o namoro com a bela Idalina Silva de Souza foi um passo. Depois



de dois meses decidiram casar, mas como ela era menor de idade e o pai, que precisava assinar a concordância, estava naqueles meses de sumiço, a mãe da mocinha aceitou que os dois ficassem juntos. O casamento no papel veio meses depois, num 20 de outubro, e este ano eles completam bodas de prata. Foram capazes de formar, em meio a dificuldades e sacrifício, uma família de cinco filhos, que já lhes deram sete netos.

“O mais velho, Rodrigo, é um filho do coração, que meu marido teve antes do nosso casamento.”

Ida se alegra quando fala que o marido agora tem um trabalho de carteira assinada e saiu da depressão. *“A gente sofreu estes anos todos, nunca tinha nada em casa, teve dia de só ter água da torneira para pôr na panela, mas eu nunca perdi a esperança.”*

Foram manhãs e tardes de lida doméstica em casas alheias, na cozinha de um restaurante, em uma fábrica de plástico. Noites de frio vendendo pinhão na porta de uma escola. Nesses caminhos, nem sempre encontrou pessoas boas e respeitadas. *“Muitas me exploraram, muitos dos anos trabalhados nunca foram registrados para a aposentadoria. Quando era menina, trabalhava numa casa no bairro de Fátima e levei uma conchada nas costas porque deixei a comida queimar, era muito pequena, não sabia cozinhar direito. Quando contei, minha mãe me tirou de lá e fui trabalhar perto da marinha, lá cuidava de um menino, como babá. Depois que eles foram embora para Porto Alegre, fui trabalhar para um casal de médicos no centro. Eles tinham duas crianças e a menina era muito apegada a mim, mas o menino vivia me chamando de negra e não queria que eu comesse o que eles comiam. A*

mãe repreendia ele...Uma vez, fui pegar um emprego, e quando a mulher viu que eu era negra, não me quis, disse que a menina não iria me aceitar.”

Hoje Ida ainda vive no Pedregal do Bom Viver, num pedaço de terra que novamente está pagando com o suor do trabalho, pois acabou deixando para os irmãos a sua parte no terreno em que vivia com a mãe. *“Felicidade mesmo eu só encontrei no dia que conheci uma pessoa que me estendeu a mão e me emprestou, sem juro nenhum, o dinheiro para eu comprar o meu terreninho. Eu me sentia perdida, como um pássaro fora da gaiola, e ela me fez sentir como se minha mãe tivesse ressuscitado para me ajudar.*

E como tudo na vida de Ida tem a dádiva do pão repartido, ela já abriga em duas casinhas no seu quintal dois dos filhos casados, Vânia e Valdeci, com nora, genro e netos. *“O que se tem de mais importante na vida são os filhos, tenho vontade de viver por causa deles.*

No coração, guarda dois desejos: *Não quero morrer sem construir minha casinha de material. Também sonho em ver Viviane, minha filha caçula, formada em Fisioterapia. Ela estuda, se esforça e vou fazer de tudo para ela cursar a universidade.”*

Outro sonho, ela traz escondidinho no fundo do peito, mas o revela no final da conversa. *“Tenho desejo de um dia ser evangélica...parece que eles são tão felizes servindo a Deus, falam abertamente com ele como se fosse um amigo...na católica, não tem muita intimidade com Deus... Só não me batizei ainda porque sou muito vaidosa, gosto de me arrumar, fazer as unhas, usar calça comprida, blusa cavada, passar batom...Também gosto demais de dançar, e não poderia mais fazer nada disso.”*

Caprichosa e silenciosa, Ida cuida da casa dos outros com a delicadeza de quem acaricia os pertences que servem para fazer viver bem os seres que mais ama. Deixa tudo cheiroso e arrumadinho. O chão, a parede, as janelas, as almofadas, os enfeites, cada objeto guarda o toque de suas mãos generosas. E quando vai embora, à noitinha, permanece no ar um perfume de limpeza e um desejo de bem.

E o meu corpo, minh'alma e coração

Tudo em risos pousei na tua mão!...

...Ah! como é bom um pobre dar esmolas!...

(Florbela Espanca - Charneca em Flor)

Mulher

Por Rosangela Bion de Assis

O que leva essas mulheres
a ficarem tão repletas?
Barrigas enchem, peitos enchem
e a mulher se divide em dois, em três, em dez...
Algumas têm marido,
outras não.
Algumas têm um teto,
outras não,
mas todas carregam a angústia
de ter provocado a desordem.
O que leva essas mulheres a quererem mais
pra si e pro mundo?
E pintam a boca
e pintam faixas.
Depois de fazer o jantar
e de lavar a roupa.
O que leva essas mulheres a serem tantas,
mas tão poucas no comando?
A serem maioria
e ficarem com a minoria dos ganhos?
A terem tanto por fazer,
com tão pouco companheiro pra ajudar?
O que leva essas mulheres
a continuar explodindo?
Ignorando as previsões
e a chuva.
E ficam lindas
e choram,
porque sempre foi assim,
com mulheres muito novas,
ou muito maduras.
Por mais que pareça loucura.
Por mais que seja por amor.

POEMA

Piores momentos...

- Precisa tirar um calo no Dr. Scholl, mas tem que recorrer à manicure da esquina.
- Encontra um vestido lindo em promoção nas Pernambucanas, mas dá de presente para uma amiga porque a peça encolheu depois de lavada.
- Escolhe um tecido para dar a outra amiga, e paga com desconto porque o pano tem defeito.
- Pede macarrão em restaurante chique, daqueles com luz de vela e, por causa do escuro, não vê o prato e come na tigela em que veio a massa. Pior ainda, pede vinho numa taça tão grande que quase encosta o nariz no líquido.
- Compra uma pia linda para o banheiro, mas entregam outra, maior, que não cabe no lugar.
- Reforma a pia da cozinha e cobre com um tapetinho novo a parte do piso que ficou sem revestimento.
- Viaja de balsa pela primeira vez na vida, pega a maior ressaca do ano e acha que as ondas enormes são normais.
- Ainda em viagem, encontra um banheiro do tipo que tem o bacio no chão, sem papel higiênico, e “se safá” porque lembrou de levar lenços umedecidos.
- Ganha uma almofada de sofá usada, daquelas grandes, de encosto, e manda fazer um forro novo de pano para não ter que pagar o estofamento.

...de Pobres & Nojentas!



Herriet (à esquerda):
rebeldia e
luta pelo povo negro

A CONDUTORA

“Serás livre ou morrerás”

Como Moisés, conduziu o povo na travessia...

Por Elaine Tavares

Era uma dessas desgraçadas noites de senzala no ano de 1819. Uma negra escrava, entre dores, dava à luz uma menina. Seus dedos magros a colheram e apertaram. Mais uma para sofrer. Mas, naquela madrugada,

no pequeno condado de Dorchester, no estado de Maryland, Estados Unidos, a menina que arejava os pulmões com gritos fortes não carregaria o peso da dor. Ela se tornaria uma libertária, uma dessas loucas, no-

jentas, que a nada se do-
bram e, anos depois, seria
uma das mais importantes
“condutoras” de negros
para a liberdade.

O nome dado pela mãe
foi Aramita Ross. Mas mui-
to pouco ela conviveu com

Armada de revólver e da sua atávica coragem, ela chegou a carregar mais de 300 pessoas para os estados em que a escravidão já estava abolida.

quem lhe deu à luz. Ainda garotinha foi levada para a plantação e ficou sob os cuidados da avó. Com seis anos de idade já estava no trabalho de uma casa branca. Apanhava muito. Uma vez levou uma surra só porque comeu um cubo de açúcar. Ela ruminava a dor e sentia que a vida lhe pesava. Quando completou 11 anos, passou a usar uma bandana na cabeça, indicando que saíra da meninice. Foi aí que mudou de nome. Virou Harriet e já tinha nos olhos o ar da rebeldia. Não foi à toa que quando viu um capataz pedindo ajuda para segurar um negro fujão, se recusou a fazê-lo. Por isso levou um golpe na cabeça e sofreu a vida toda as conseqüências.

Harriet cresceu ali, na plantação, a matutar. Nunca passou dos 1,50m. Era pequena, de olhos penetrantes e cheia de idéias de liberdade. Não ia morrer escrava. Quando tinha 25 anos casou-se com um negro livre, John Tubman, e vivia a pensar em planos de escape. Coisa que não achava eco junto ao marido. Ele não compartilhava das loucas idéias que ela sussurrava nas noites de inverno. Queria ir para

o norte, fugir, ser livre também. Agüentou cinco anos e, numa dessas noites, escapou no rumo da Filadélfia.

Sua fuga foi digna de filme. Ajudada por uma família branca, foi colocada dentro de um saco, num vagão, até estar segura nas casas dos abolicionistas que se revezavam na rota de fuga. Chegou inteira e logo começou a trabalhar. Do dinheiro que ganhava, guardava uma parte que usava para libertar outros negros. Mas, para Harriet, dar dinheiro não bastava. Aquela alma atormentada precisava agir, e ela decidiu liderar as tropas de negros e brancos que marchavam para as fazendas e libertavam os negros. Fez muitas dessas incursões. Em uma delas, no comando, chegou a libertar 750 negros de uma só vez. Tudo isso já bastaria para tornar Harriet uma lenda, mas ela ainda iria mais longe. Como não era mais uma juvenzinha, decidiu abandonar o comando das tropas e passou a atuar como “condutora”, no que ficou conhecida como a “estrada de ferro subterrânea”.

Esta estrada de ferro não era uma estrada de verdade, mas o nome dado à rota de fuga de milhares

de negros em todos os Estados Unidos. Uma rede muito bem urdida de estradas, rotas e casas, as quais os negros percorriam e nas quais se abrigavam durante a grande travessia para a liberdade. Essas rotas eram pronunciadas junto aos negros sempre com os jargões da estrada de ferro, para que nenhuma suspeita fosse levantada e, justamente por isso, foram chamadas assim.

Nesse processo de fuga a figura do “condutor” era, sem dúvida, a mais importante. E Harriet se fez um deles. Foi a mais famosa e a mais eficiente. Armada de revólver e da sua atávica coragem, ela chegou a carregar mais de 300 pessoas para os estados em que a escravidão já estava abolida. Nunca perdeu qualquer passageiro. Ficou conhecida também a frase que dizia aos seus conduzidos quando empreendiam a caminhada rumo ao norte: “Serás livre ou morrerás”. E foi com essa bravura que também carregou para a liberdade seus irmãos de sangue e seus pais, esta última uma viagem espetacular. Não foi à toa que ficou conhecida como “o Moisés” de seu povo.

Harriet era mestra na arte da fuga e do disfarce.

Graças a isso entrava e saía do sul escravista a qualquer hora. Em 1857 sua cabeça valia o prêmio de 40 mil dólares. Nunca foi pega. Durante a guerra civil estadunidense ela, já entrada nos anos, ainda serviu como enfermeira e espiã das forças federais. Seu nome é reverenciado até hoje por todos os negros e negras daquele país como uma mulher que não aceitou a sua condição e, generosa e solidária, deu sua vida para garantir a liberdade aos seus irmãos. Morreu em 1930, considerada uma heroína nacional. Mesmo assim, foi só em 2003 que o estado instituiu o dia 10 de março (dia de sua morte) como o dia de Harriet Tubman, a Moisés do povo negro, a condutora, aquela que nunca abriu mão da liberdade. “Há duas coisas a que tenho direito: a liberdade ou a morte. Se não tiver uma, tenho a outra. Nenhum homem neste mundo vai me tomar a vida”. E assim foi.

Hoje, contam os negros, quando apita um trem lá para os lados do sul, todo aquele que sofre alguma prisão, seja física ou espiritual, sente um arrepio. É Harriet, a condutora, chamando para a grande travessia. E sempre há quem se levante e encontre o caminho.

Pobres & Nojentas - Maio de 2006

Suco com vida...

A filósofa e professora da UFSC Sônia Felipe tem uma receita perfeita para quem deseja começar o dia com energia concentrada. É a seguinte: no liquidificador misture duas maçãs picadas com casca e sem sementes, um limão verde com casca e sem as “calotas”, um rizoma de gengibre, uma colherinha de levedo de cerveja, três morangos, de preferência orgânicos, e um copo de água mineral (300 ml). Bata durante quatro minutos e coe, pressionando o coador com uma colherinha para extrair todo o sumo.

Dá para duas pessoas. A receita fica ainda mais energética com dois ramos de espinafre e duas folhas de couve verde, uma colher de açúcar mascavo, três folhas frescas de hortelã, uma banana e meio copo de água de côco. Quem deseja acrescentar mais esses ingredientes também deve juntá-los aos demais no liquidificador e coar. Um suco só com coisas vivas e poderosas, como diz Sônia.

... e poder



Um sorriso e uma frase:
"Isso é a Bolívia, querida"

AMÉRICA LATINA

Em paz no terror

Por Elaine Tavares

Dona Vivi é uma mulher baixinha, pequena, de olhos apertadinhos que vive em Oruru, na Bolívia, com o marido Juan. Naquela noite, em La Paz, no fevereiro de 2003, ela chegou espavorida, agarada ao braço do velho companheiro, o rosto moreno corado de ansiedade. Tinham ido tomar um café na rodoviária e viram a confusão. Pela rua acima vinha uma turba de gente quebrando e queimando tudo. Ela percebeu que algo estava errado porque conhecia bem a turbulência da vida boliviana. Mulher de mineiro e filha de cocaleiro, ela mesma já tinha passado por coisas assim sua vida inteira. Nunca fora fácil ser trabalhador na Bolívia.

Dona Vivi tentou sair em direção ao hotel, mas Juan não estava muito bem. Tinha dificuldade para andar. Fora por isso mesmo que tinham vindo para La Paz. Ele iria fazer alguns exames no Hospital Obrero. Os seguranças da rodoviária fecharam as portas de ferro, ninguém mais podia entrar ou sair. Entre os turistas que esperavam um ônibus, o medo era palpável. Os gritos da gente lá fora ecoavam fortes e parecia que um imenso vagalhão iria assomar por sobre o pavilhão.

A confusão começara horas antes em frente ao Palácio Presidencial. Policiais militares, que estavam em greve há dois dias, tinham ido fazer um protesto e foram recebidos a bala pelo exército boliviano. Em poucos minutos a guerrilha particular das forças armadas gerou 13 mortos. Em frente à Praça Morillos os corpos se estendiam diante de uma multidão ainda passiva. Mas, quando o sangue escorreu pela calçada, uma espécie de frêmito tomou conta da gente. Estudantes secundaristas que tinham ido à praça para protestar começaram a função jogando pedras nas janelas do palácio. Foi o estopim de uma revolta represada. As pessoas, em turbilhão, começaram a entrar nos prédios e a quebrar tudo. De dentro dos edifícios voavam mesas, cadeiras, computadores, papéis. Em pouco tempo o fogo irrompeu. Em volta da praça o clima era de completa balbúrdia.

Sem qualquer policiamento e com o exército alheio a tudo, protegendo apenas o palácio, a multidão foi colocando para fora todos os seus demônios. O que era um protesto político virou desaguadouro de outras mágoas. Uma grande loja de departamentos, identificada como “americana”, foi completamente saqueada e destruída. A turba seguia, derrubando, queimando, saqueando, destruindo. E assim, foi descendo em direção à rodoviária, onde estavam Vivi e Juan. Não pouparam nem as bancas das índias. Tudo era arrasado.

Aquela foi uma tarde de terror. Só no início da noite Vivi conseguiu chegar na hospedaria com seu marido Juan. No dia seguinte teriam a consulta no hospital, mas já anteviam que aquilo iria ter de esperar. Durante a noite, os hóspedes se reuniram na sala principal, todos muito assustados. Seria uma madrugada de tensão e medo. Era um hotelzinho barato e talvez por isso tenha ficado de fora da sanha dos saqueadores que assaltaram a cidade por toda a noite. Acordados, todos, ouviam os tiros, os gritos e sentiam o cheiro da fumaça do fogo que queimava por toda La Paz.

O segundo dia foi o pior. A polícia continuava amotinada. Os saqueadores tomavam a cidade. Nas estradas, outros tantos bloqueavam ônibus e carros. Bancos queimavam, prédios do governo eram destruídos e o exército havia colocado franco atiradores pelos edifícios, os quais atiravam contra a multidão que se dividia entre os que protestavam e os oportunistas que saqueavam. As centrais obreiras tinham chamado uma greve geral para aquele dia e o clima era de muito pavor. Ninguém sabia o que poderia acontecer. Todos esperavam um rio de sangue.

As caminhadas de sindicalistas e representantes do movi-

mento popular aconteceram em La Paz e nas principais cidades da Bolívia. Bandeiras brancas pediam paz. Franco-atiradores balearam uma médica e mataram uma enfermeira que ajudavam os feridos. A cidade entrou em comoção. Ninguém mais queria sair dos hospitais para ajudar. Foi um dia inteiro de completa confusão. Mortos e mais mortos. No meio disso tudo o governo se mantinha calado. Na televisão, os comentaristas exigiam que o presidente resolvesse o caso da polícia para que esta voltasse às ruas, restabelecendo a ordem.

Vivi e Juan não se assustaram com toda a violência. Durante aquela manhã, calmamente haviam saído para tomar café e também saíram na hora do almoço. Não podiam ficar sem se alimentar, dissera ela. “A senhora não tem medo?” - perguntava eu. “Isso é a Bolívia, querida”, respondia, serena. No meio da tarde, enquanto pela porta do hotel passavam as gentes carregando portas, janelas, computadores e outros que tais, ela, serena, anotava receitas de comida brasileira que eu lhe passava. “Adoro cozinhar”.

No início da noite o presidente foi à TV falar com o povo. Havia concedido o aumento aos policiais e estes estariam voltando para as ruas. A Bolívia voltaria a ter paz(?). Na sala, com os companheiros de hotel, ouvi, apavorada, a fala de Goni, o presidente. Falava com sotaque inglês. “Mas como???” - perguntava eu, perplexa. Ele parece um estadunidense falando. “Ele é um deles”, diziam os homens, irritados. “Viveu a vida toda lá, representa os interesses deles”. “Mas vocês o elegeram?”... “Somos todos uns burros”, vociferou um mineiro de Cochabamba que esperava o fim dos conflitos para voltar para casa. “Somos todos uns burros”, repetia.

Fiquei mais um dia em La Paz esperando que liberassem os ônibus. Pelas ruas, as pessoas falavam do levante com aquela fleuma que é peculiar a um povo calejado nos horrores. A vida voltava ao normal. Na rodoviária, os turistas retomavam o movimento. As velhas índias ocupavam seus lugares pelas escadarias a pedir esmolas e os policiais, de volta às ruas, eram saudados com alegria. Vivi e Juan foram, enfim, ao hospital. “Vou experimentar a feijoada, filha”, despediu-se, sorrindo, a mulher de sangue índio e esperança atávica. A Bolívia ficaria para trás, manchada de sangue e fogo... como se o tempo não houvesse passado desde o passado imemorial...

PARA QUEM TEM POUCA GRANA

§ Para o meio da tarde, a dica é parar na Padaria Brasília, na Praça da Figueira, e tomar café com leite e pão com manteiga ou com queijo quente. O café pequeno custa R\$ 0,50 e o queijo quente, R\$ 2,20. A padaria, que tem 45 anos, já foi mais barata, mas tem a vantagem de expor quadros com imagens da Floripa de outrora. Às vezes, o cliente tem que esperar um pouco. Mas é nota dez o atendimento de Terezinha Filgueira, de 58 anos, que trabalha ali há 13. Ela é uma mulher pequena, com os cabelos presos numa touquinha, sempre muito atenciosa.



§ Quem mora no continente próximo a Coqueiros pode aproveitar uma das poucas áreas urbanas de lazer da capital. É o parque que fica ao lado das pontes. Ali há pista, brinquedos para crianças, equipamentos para ginástica. Tem poucas árvores, mas um vento gostoso nos dias de calor.

§ Quem consegue locar um VHS ou um DVD pode ver mais por menos. Existem umas locadoras, como a CVC Vídeo, quase na frente do Imperatriz de Coqueiros, que deixam o cliente ficar até uma semana com os filmes, dependendo da quantidade locada. Assim, vale a pena consultar os amigos, pegar vários filmes, fazer rodízio e dividir a conta.



“Amo todos os que são como gotas pesadas que caem uma a uma da nuvem escura suspensa sobre os homens, anunciam o relâmpago próximo e desaparecem como anunciadores”.

Nietzche, em Assim Falou Zaratustra

Quer acordar com energia?

1 – Inspire e expire lenta, profunda e vigorosamente.

2 – Com as mãos em formato de concha, dê leves pancadas por todo o peito.

3 – Com as duas mãos, esfregue bem o rosto.

4 – Para completar, sente-se na beira da cama com a coluna alongada, as pernas em ângulo de 90 graus e os pés no chão. Com as mãos em formato de concha, dê pancadas leves na região dos rins e dos joelhos.

5 – Alongue-se.

Dicas tiradas da revista *Bons Fluidos* de novembro de 2003, em matéria com uma terapeuta corporal.



AL FAJ

(O dia de todos)

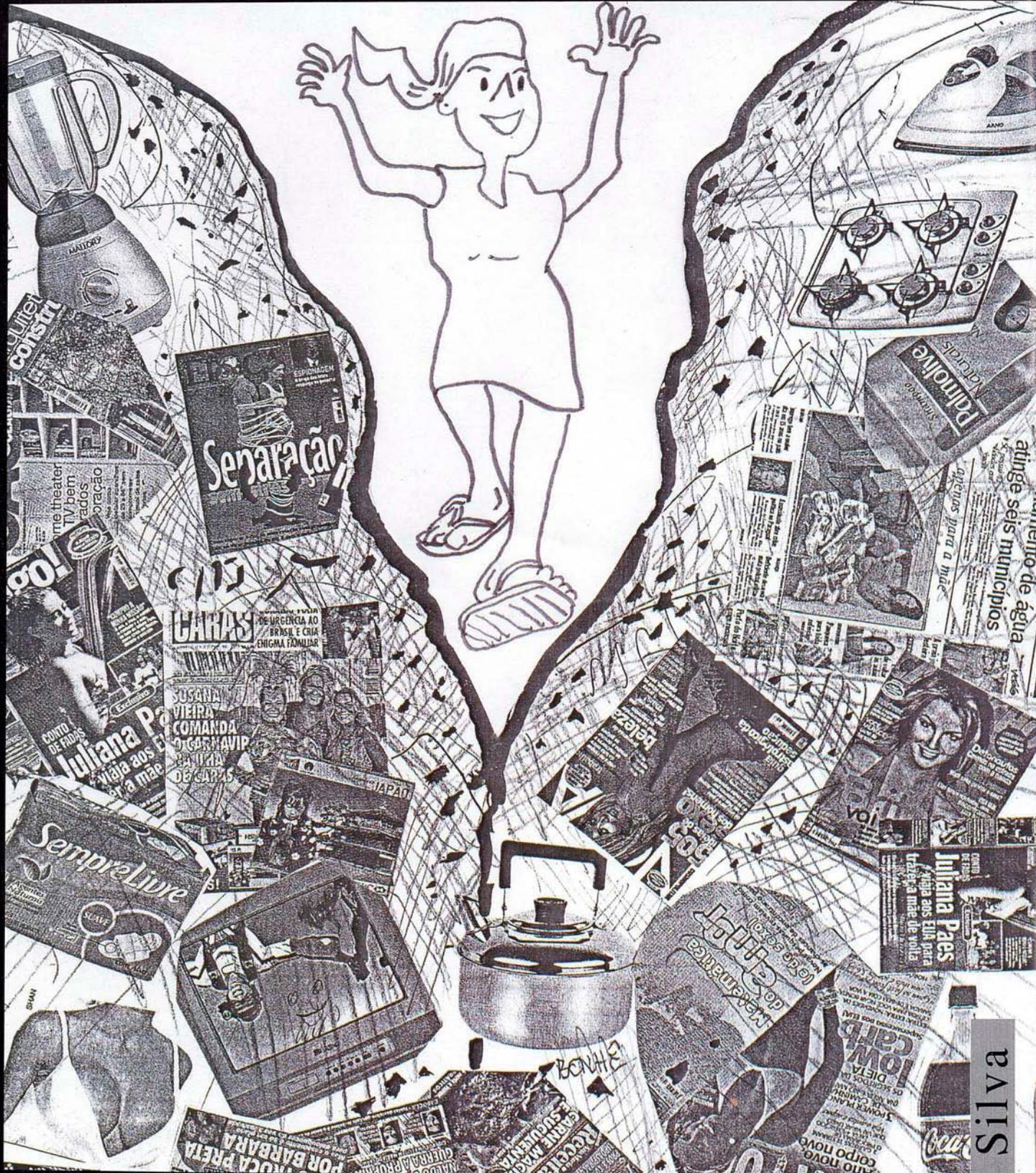
Eduardo Mustafa Vianna

Vem, vamos trazer de volta o amor,
a moça dona de todas as honras
já se aproxima e se senta diante de nós
com sua única vida, indefinida.
Vem, vamos indefinidamente,
a moça senhora das afeições vos verá
vivos pela própria vida,
meu irmão desconhecido
e por demais outros entes
vivos ou desaparecidos entre as cidades.
Vem, nos apressemos.

Até mesmo um desejo de morrer
e decifrar uma intimidade do Universo
e viver certa vida impossível
nos visitaria, na noite, sem luzes ou
palavras.
Desperta, homem.
Teu último sonho terá sido entre todos
o mais breve,
o mais aproximado a teus dias.

Mas vem, vamos trazer de volta o amor,
vamos arrastar pela Terra
o medonho ou suavíssimo amor,
uma palavra bastará
para que indefinidamente nos tornemos
homens da felicidade ou do espanto,
o último homem será feliz.
Fica comigo, irmão.
A luta aberta começará.

Vem, irmão ou irmã, abandonemos
a palavra entre nós,
abandonemos por agora os sinais.
Vem, vamos trazer de volta o amor.
Podemos nos tornar a imensa máquina
fria
ou morrer de sede e muitíssimas
vergonhas.
E o Universo nunca saberá.



Silva